

# MIKÛATIAMIŔÍ



**Pequeno livro sobre saberes linguísticos  
do povo Mendonça Potiguará**

# MIKÛATIAMIŔĨ

Pequeno livro sobre saberes linguísticos  
do povo Mendonça Potiguara

Comunidade do Amarelão, Território Mendonça, João Câmara, RN  
Escola Municipal Alice Soares  
Coordenador Pedagógico: *Dioclécio Bezerra da Costa*  
Projeto de ensino: Saberes linguísticos do povo Mendonça Potiguara

Turma de EJA: IV PERÍODO (6º e 7º ANO)

Professor, coordenador do projeto: *Diego Oliveira de Andrade (AKANGUASU)*  
*Aline Barbosa Ferreira, Aline Cristina Barbosa do Aline Barbosa Ferreira Nascimento, Amanda Barbosa, Andreza Firmino de Oliveira, Auricélia da Silva Barbosa, Camila de Melo Tavares, Cícero dos Santos Nascimento, Cícero Ferreira do Nascimento, Damiana Barbosa, Damião Silva do Nascimento, Deyvson Veríssimo Gabriel, Edilene Barbosa da Costa, Elenilda Praxedes da Silva, Felipe Barbosa da Silva Nascimento, Francisca Barbosa de Gois, Francisca Gilmar de Gois Soares, Francisca Juliana dos Santos Henrique, Francisca Samara Barbosa de Souza, Francisca Suéria de Gois, Francisco Barbosa do Nascimento, Francisco do Nascimento Barbosa, Francisco Iranilton Melo Rosaves, Francisco Júlio dos Santos Henrique, Gabriel Barbosa da Silva, Genilza Barbosa da Silva, Geovane Barbosa do Nascimento, Gilvan Barbosa do Nascimento, Izabela Taiz Nascimento da Silva, Joadarque dos Santos, Joelma Silva de Oliveira, José Anderson dos Santos Henrique, Josenildo Barbosa da Silva, Joyce Mikaelly Costa Silva*

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Pró-reitoria de Extensão – PROEX  
Centro de Educação – CE  
Departamento de Práticas Educacionais e Currículo – DPEC  
Projeto de extensão: “Interação de saberes na sistematização e formação de materiais didáticos produzidos por professores que atuam em escolas de comunidades indígenas do RN”  
Apoio: PROEX/UFRN

MIKUATIAMIRI

Organizadores:

*Diego Oliveira de Andrade (AKANGUASU)* – E. M. Alice soares  
*Dioclécio Bezerra da Costa* – Cacique da Comunidade Indígena Santa Terezinha  
*Vânia Aparecida Costa* – Professora do DPEC/CE/UFRN

Projeto gráfico:

*Laiza Ferreira* - Graduanda em Artes Visuais – CCHLA/UFRN

Revisão do Tupi Antigo:

*Eduardo Navarro* – USP

Revisão de português:

*Davidson dos Santos*- DPEC/CE/UFRN

Revisão final:

*Alexandre Aguiar* – DPEC/CE/UFRN

Diego Oliveira de Andrade (AKANGUASU)  
Dioclécio Bezerra da Costa  
Vânia Aparecida Costa  
*Organizadores*

# MIKÛATIAMIIRĨ

Pequeno livro sobre saberes linguísticos  
do povo Mendonça Potiguara

Este material é resultado dos trabalhos de pesquisa realizados pelos estudantes da turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA, IV Período) da Escola Municipal Professora Alice Soares, localizada na comunidade indígena do Amarelão, João Câmara, RN.



Natal, 2021



©2021. Diego Oliveira de Andrade (AKANGUASU), Dioclécio Bezerra da Costa, Vânia Aparecida Costa (orgs). Reservam-se os direitos e responsabilidades do conteúdo desta edição aos organizadores. A reprodução de pequenos trechos desta publicação pode ser realizada por qualquer meio, sem a prévia autorização dos autores, desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n. 9610/1998) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal. Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Lei Nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Revisão	<i>Davidson dos Santos</i>
Projeto Gráfico e Diagramação	<i>Laiza Ferreira</i>

Proibida a venda

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

M636

Mikûatiamiri: pequeno livro sobre saberes linguísticos do povo Mendonça Potiguara / Diego Oliveira de Andrade et al.; organizado por Diego Oliveira de Andrade, Dioclécio Bezerra da Costa, Vânia Aparecida Costa. – Natal: Caule de papiro, 2021.

88 p. : il.

ISBN 978-65-86643-32-9

Este material é resultado dos trabalhos de pesquisa realizados pelos estudantes da turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA, IV período) da Escola Municipal Professora Alice Soares, localizada na comunidade indígena do Amarelão, João Câmara/RN.

1. Educação Escolar Indígena. 2. Língua Tupi Antigo. 3. Material Didático. I. Andrade, Diego Oliveira de. II. Costa, Dioclécio Bezerra da Costa. III. Costa, Vânia Aparecida.

RN/UF

CDU 376.7

---

Caule de Papiro gráfica e editora  
Rua Serra do Mel, 7989, Cidade Satélite  
Pitimbu | 59.068-170 | Natal/RN | Brasil  
Telefone: 84 3218 4626  
[www.cauledepapiro.com.br](http://www.cauledepapiro.com.br)

# MIKÛATIAMIIRĨ

Pequeno livro sobre saberes linguísticos  
do povo Mendonça Potiguara

## AUTORIA

ESCOLA MUNICIPAL *PROFESSORA ALICE SOARES*  
AMARELÃO, JOÃO CÂMARA, RIO GRANDE DO NORTE  
TURMA DE EJA: IV PERÍODO (6º e 7º ANO)  
PROFESSOR: Diego Oliveira de Andrade (AKANGUASU)\*1

Aline Barbosa Ferreira, Aline Cristina Barbosa do Aline Barbosa Ferreira Nascimento, Amanda Barbosa, Andreza Firmino de Oliveira, Auricéllia da Silva Barbosa, Camila de Melo Tavares, Cícero dos Santos Nascimento, Cicero Ferreira do Nascimento, Damiana Barbosa, Damião Silva do Nascimento, Deyvson Veríssimo Gabriel, Edilene Barbosa da Costa, Elenilda Praxedes da Silva, Felipe Barbosa da Silva Nascimento, Francisca Barbosa de Gois, Francisca Gilmar de Gois Soares, Francisca Juliana dos Santos Henrique, Francisca Samara Barbosa de Souza, Francisca Suéria de Gois, Francisco Barbosa do Nascimento, Francisco do Nascimento Barbosa, Francisco Iranilton Melo Rosaves, Francisco Júlio dos Santos Henrique, Gabriel Barbosa da Silva, Genilza Barbosa da Silva, Geovane Barbosa do Nascimento, Gilvan Barbosa do Nascimento, Izabela Taiz Nascimento da Silva, Joadarque dos Santos, Joelma Silva de Oliveira, José Anderson dos Santos Henrique, Josenildo Barbosa da Silva, Joyce Mikaelly Costa Silva

---

1 Nome no idioma guarani que significa cabeça (Akan) grande (asu). No Tupi antigo cabeça grande é akangusu.



## Agradecimentos

Agradecemos ao senhor Deus (Tupã) em primeiro lugar por nos possibilitar a essência da vida.

Ao professor e orientador Diego Oliveira de Andrade (AKANGUASU) por nos orientar ao longo desta etapa de construção de saberes tão importantes e primordiais à nossa educação escolar Indígena.

À comunidade escolar por nos repassar informações tão ricas culturalmente e essenciais para o término desta pesquisa. Ainda ressaltamos que esta pesquisa é fruto de projetos implementados pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura do município de João Câmara e do coordenador pedagógico do fundamental II e EJA, o cacique e professor Dioclécio Bezerra da Costa.

À participação no Projeto de Extensão do Centro de Educação da UFRN por nos possibilitar a conclusão, a edição e a impressão de MIKUATIAMI.

Professor e alunos/as da Turma IV

*“... Terra, minha tão amada terra,  
és a essência de um povo, a liberdade de guerreiras e guerreiros que serão plantados em teu útero, mãe cujo a ciência se chama vida, cativas os teus filhos, pois o nosso sangue será o seu adubo.”*

**Dioclécio Costa.**



## Sumário

APRESENTAÇÃO	11
VAMOS APRENDER A LÍNGUA DOS ANTIGOS POTIGUARA	15
NOMES E APELIDOS	17
NOMES DE ANIMAIS	21
NOMES DE ÁRVORES E FRUTAS	33
NOMES DE LOCALIDADES DO RN	41
FRASES E EXPRESSÕES NO TUPI ANTIGO	47
NÚMEROS EM TUPI ANTIGO	53
CORES	57
TUPI ANTIGO	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
BIBLIOGRAFIA	63
POSFÁCIO	65
ANEXOS	67
I - Projeto de ensino	67
II - Comunidade do Amarelão, Território Mendonça	73
III - Articulação dos Povos Indígenas do RN - APIRN	79
IV - Projeto de extensão da UFRN	83



## Apresentação

Mikûatiamirĩ. Pequeno livro. Um convite para participarmos do reavivamento e valorização do tupi antigo presente na língua portuguesa falada, especialmente, a partir da experiência do povo potiguara do território Mendonça, Rio Grande do Norte. Ao longo de suas páginas, encontram-se palavras e expressões com explicações de sua origem no tupi antigo e de seus usos e significados atuais, sensibilizando-nos para a beleza e importância da diversidade de línguas e de culturas que formam a língua portuguesa. Além disso, este pequeno livro desperta-nos a curiosidade para se investigar outras palavras de origem indígena e também a presença de outras línguas, como aquelas de origem africana, no português brasileiro.

O trabalho de produção de Mikûatiamirĩ iniciou-se com um projeto de ensino (Anexo I), desenvolvido em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA IV Período) da Escola Municipal Professora Alice Soares, comunidade do Amarelão (Anexo II), localizada no território Mendonça no município de João Câmara, Rio Grande do Norte. Foram realizadas pesquisas em sala de aula e na comunidade, consultando a memória - fonte oral de conhecimen-



to - referente aos apelidos e aos nomes de pessoas, de plantas e de animais de origem indígena (principalmente da família linguística tupi) presentes no território Mendonça (Açucena, Amarelão, Assentamento Santa Terezinha, Marajó e Serrote de São Bento).

Para a discussão e publicação deste material, bem como para o processo de formatação e divulgação a ele relacionados, contamos com a participação do projeto de extensão “Interação de saberes na sistematização e formatação de materiais didáticos produzidos por professores que atuam em escolas de comunidades indígenas do RN”, do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (Anexo 4). Nesse processo de interação e colaboração, valemo-nos também com a revisão do professor Eduardo Navarro da Universidade de São Paulo (USP), onde é professor de Tupi Antigo e autor, dentre outras obras, do livro “O Método Moderno de Tupi Antigo”, uma das referências utilizadas na construção deste livreto. O Posfácio é de sua autoria.

O reavivamento de línguas indígenas tem sido muito importante para o fortalecimento das identidades dos povos originários e da valorização da diversidade que nos constitui. Embasados em

estudos linguísticos, históricos e antropológicos, temos buscado valorizar essa diversidade cultural existente no Brasil e participar da luta contra o constante genocídio dos povos indígenas, iniciado com a exploração e colonização europeia em 1500 e acentuado por violentas políticas públicas. Dentre essas políticas, podemos destacar a proibição do uso das línguas maternas e da língua geral no processo de institucionalização do português como língua oficial do Brasil (Diretório do Índio, lei elaborada pelo Marquês de Pombal e promulgada em 1757). Nos tempos atuais, enfrentamos os desrespeitos constitucionais praticados pelo governo brasileiro, representado pelo trigésimo oitavo presidente da república e seus aliados.

Vale destacar que, segundo o último censo do IBGE (2010), existem e resistem mais de 897 mil indígenas, 305 etnias e 274 idiomas em solo brasileiro. Na região nordeste, apenas o povo Fulni-ô de Águas Belas, em Pernambuco, conseguiu manter viva sua língua materna. Outros povos adotaram os estudos sociolinguísticos e etno-históricos como formas de valorizarem suas identidades diferenciadas. No Rio Grande do Norte, os Potiguara do Catu (em Canguaretama e Goianinha) e os Potiguara Mendonça do



Amarelão (em João Câmara) desenvolvem estudos linguísticos do idioma tupi em suas escolas e comunidades. O povo Tupinambá da Bahia e o povo Potiguara da Paraíba também são exemplos do atual processo de reavivamento de idiomas indígenas, além de outros povos que estudam e buscam reavivar seus idiomas, seja do tronco linguístico tupi, seja do macro jê ou de outro.

Com o Mikûatiamirĩ, pretendemos, assim, sensibilizar outros povos e escolas indígenas acerca da importância da valorização do tupi na formação do português brasileiro. E almejamos também que ele possa chegar a muitas escolas da rede pública do estado do Rio Grande do Norte, não ficando restrito aos povos indígenas, de modo a contribuir assim com a valorização da diversidade linguística e cultural da nossa língua e, ao mesmo tempo, com a luta pelo direito à vida dos povos originários.

Diego Oliveira de Andrade (AKANGUASU)

Coordenador do Projeto “MIKUATIAMIRI”

Vânia A Costa – DPEC/CE/UFRN

Coordenadora do Projeto de Extensão

**T'înhembo'e Potiguarymûana  
nhe'enga resé.**  
(Vamos aprender a língua dos antigos Potiguara)





## Nomes e apelidos

**Bira:** variação de **ybyrá**, que significa **árvore**, madeira. É forma abreviada do nome Ubiratã (de **ybyrá** + **atã**, madeira dura)

**Birico:** de acordo com o Dicionário de Tupi Antigo do professor Navarro (2019), **mbyryky** é um macaco da família dos cebídeos, o maior macaco do continente americano, de pelo amarelo. Vive em bandos. Birico pode provir desse nome tupi. É o nome de um dos personagens do **Boi de Reis**.

**Buriti:** nome comum a diversas palmeiras nativas da América. O nome provém do termo tupi **moretĩ** (Lisboa, Hist. Anim. e Árv. do Maranhão, fl. 182v)

**Caboré:** nome de algumas pequenas espécies de corujas.

**Cauã:** nome proveniente do tupi antigo (**akaũã** ou **kaũã**), ave da família dos falconídeos, conhecida por seu canto, que se dá geralmente no crepúsculo e no alvorecer. É predador de cobras, mesmo peçonhentas.

**Canindé:** nome de um tipo de arara da barriga amarela. Deus da guerra na antiga mitologia

Potiguara. **Canindé**, por ser o nome de uma **arara**, expressa bravura e, por esse motivo, foi um nome dado pelos colonizadores e indígenas falantes de idiomas da família linguística tupi-guarani para **Comatim**, o filho do **Tarairiú Drárug**, conhecido por **Janduí**, famoso na Guerra do Assu, denominada “guerra dos bárbaros” pela historiografia oficial.

**Iara**: nome de uma divindade tupi, senhora das águas. “**Y**” significa água e **îara** significa dona, senhora, a que domina.

**Jaciara**: senhora da lua. **Îasy** significa lua; **îara, jara** quer dizer senhora, senhor, a/o que preside, a/o que domina.

**Mandioca**: do tupi antigo **mani’oka**, nome de planta cultivada há milênios e muito importante à alimentação indígena. Dessa planta se produz a



farinha. É nome comum a plantas leitosas da família das euforbiáceas. Existem espécies venenosas. Também é chamada **aipim** e **macaxeira**. Há uma antiga lenda que fala de uma menina de pele clara que nasceu numa aldeia e foi batizada de **Mani**. Numa das várias versões que existem, ela morre ainda bebê e é enterrada. No local onde foi sepultada (maní'oka, ou casa de Mani) nasceu a planta, que passou a ser utilizada na alimentação de inúmeros povos indígenas.

**Neci:** em tupi antigo, **ne** significa teu, tua e **sy** significa mãe. De acordo com o Glossário Caboclo, Neci quer dizer tua mãe.

**Peteca:** **petek** é um verbo transitivo que significa golpear; esbofetear; bater (com a mão espalmada), espalmar. Há o brinquedo originariamente produzido com palha de milho, fruto da grande festa das colheitas realizadas em junho e julho. Atualmente existem diversos materiais e maneiras de produzir esse brinquedo tipicamente indígena. Não deixar a peteca cair significa não vacilar.

**Pitu:** uma variedade de camarão grande de água doce.



**Pindoba:** nome comum a diversas palmeiras do gênero *Attalea*.

**Tatá:** fogo. O Padre José de Anchieta escreveu em um de seus poemas: nde ‘anga osapy **satá**... “queimou tua alma o fogo dele”. Daí provêm termos como catapora (marcas do fogo), doença que produz marcas pela pele; boitatá, que deriva de **mba’e** + **tatá** (coisa de fogo); fogo do batatão, que significa coisa de fogo, **mba’e** (coisa) + **tatá** (fogo).

**Ubirajara:** o que porta borduna (armamento de guerra); o que porta pau. **Ybyrá** significa árvore, madeira e **îara** significa dono, mestre, senhor, o que segura, o que porta.

## Nomes de animais

**Cará:** nome comum a certos peixes da família dos ciclídeos. Cará é uma variação de **akará**. Dá nome a vários acidentes geográficos no Brasil.

**Carcará:** nome de duas aves da família dos falconídeos, da América do Sul oriental. Nome de uma antiga liderança indígena.



**Curimatã:** nome comum a diversos peixes da família dos caracídeos. Existem mais de vinte espécies em todo Brasil. São também chamados de corimatá, curimbatá, curimataú, curimba, curumbatá, curibatá, grumatá ou grumatã. A etimologia da palavra é, provavelmente, **kurimã + atã** (curimã duro).

**Jararaca:** do tupi antigo **îararaka**, designação comum a vários répteis, ofídios da família dos crotalídeos.

**Mocó:** mamífero roedor da família dos cavídeos (*Kerodon rupestris*). É como um coelho pequeno sem orelhas nem cauda.



**Mucúra:** um bicho mais conhecido como **saruê**. Nome também usado para dizer que uma pessoa é feia.

**Muçum:** nome genérico de peixes da família dos simbrânquios, de água salgada ou doce, de hábitos

noturnos. Tem corpo que parece uma serpente, sem nadadeiras, sem escamas ou bexiga natatória.

**Peba:** variação de tatu achatado, diferente do tatu-bola. **Peba** significa achatamento; aplainamento: Xe rera kururupeba. - Meu nome é kururu achatado. Peba (ou peua, beba, beua, peva) serve como adjetivo, achatado, além de ser o nome de um mamífero muito apreciado dentre os animais de caça no território indígena Mendonça.



**Piaba:** nome comum a várias espécies de peixes de rio da família dos caracídeos. Piaba é um peixe mirim, um peixe pequenino.

**Piabuçu:** designação comum a certos peixes da

família dos caracídeos, de porte avantajado. **Piaba** + **usu** (piaba grande).

**Preá:** do tupi antigo **apere'a**, nome comum às espécies de mamíferos da família dos cavídeos, do gênero *Cavia*. Sua carne é muito consumida pelos povos indígenas.

**Punaré:** é um mamífero roedor da família dos equimídeos, um tipo de rato silvestre dotado de grande cauda peluda e escura (***Thrichomys apereoides***). É vulgarmente conhecido por **rabudo**, **punaré** ou rato-boiadeiro, sendo um roedor da família Echimyidae. Seu habitat é delimitado pelo litoral do Nordeste do Brasil, mais em direção à região Norte, pela mata atlântica ao leste e pela floresta amazônica ao oeste, estendendo-se em direção sudeste até o Paraguai.



**Sabiá:** nome genérico de certos pássaros da família dos turdídeos, apreciados por seu canto e de grande distribuição territorial.

**Sanhaçu:** nome de pássaros traupídeos de médio porte, de nove espécies comumente reconhecidas, que ocorrem quase que exclusivamente na América Latina e na América Central. Do tupi **sa'i** (nome comum de vários pássaros) mais o sufixo aumentativo **-usu**.

**Sariema:** siriema, sariama ou seriema, é uma ave que vive nos descampados, comendo insetos, répteis e pequenos roedores. Dorme empoleirada em árvores, em que faz ninhos. É ave típica dos cerrados e da caatinga do Brasil.



**Socó-boi:** nome comum a aves que vivem em lugares pantanosos ou perto de rios ou lagoas.

**Soim:** também conhecido como sagui, nome genérico de pequenos símios de pelo cinzento-prateado e cauda longa, da família dos hapalídeos e da família dos calitriquídeos.



**Tacáca:** é um animal semelhante ao timbu e serve como adjetivo correspondente a feio. O gambá é também conhecido como **tacaca** ou **ticaca**. Em São Paulo e Minas, recebe o nome de saruê. É um mamífero marsupial que habita desde o sul dos Estados Unidos até a América do Sul. É um dos maiores marsupiais da família dos didelfídeos. É onívoro e seu principal predador é o gato do mato.

**Tamanduá:** designação comum aos mamíferos xenartros, da família dos mirmecofagídeos, encontrados do México até a Argentina. Têm focinho longo e tubular, dentes ausentes, língua longa e pegajosa e grandes garras nas patas anteriores, principalmente para abrir formigueiros e cupinzeiros. Também chamado papa-formigas, urso-formigueiro.



**Tatu:** nome comum a mamíferos desdentados da família dos dasipodídeos, com muitos gêneros e espécies diferentes. Tem o corpo coberto por uma couraça, formadas por placas justapostas. Vive em galerias abertas no chão. Tem entre 4 a 5 filhotes em cada ninhada, em que todos eles têm o mesmo sexo. Tem hábitos noturnos. É uma caça muito apreciada.



**Tejo:** do tupi antigo **teïu**, também chamado **tiú**, **tiju**, nome comum para os lagartos.

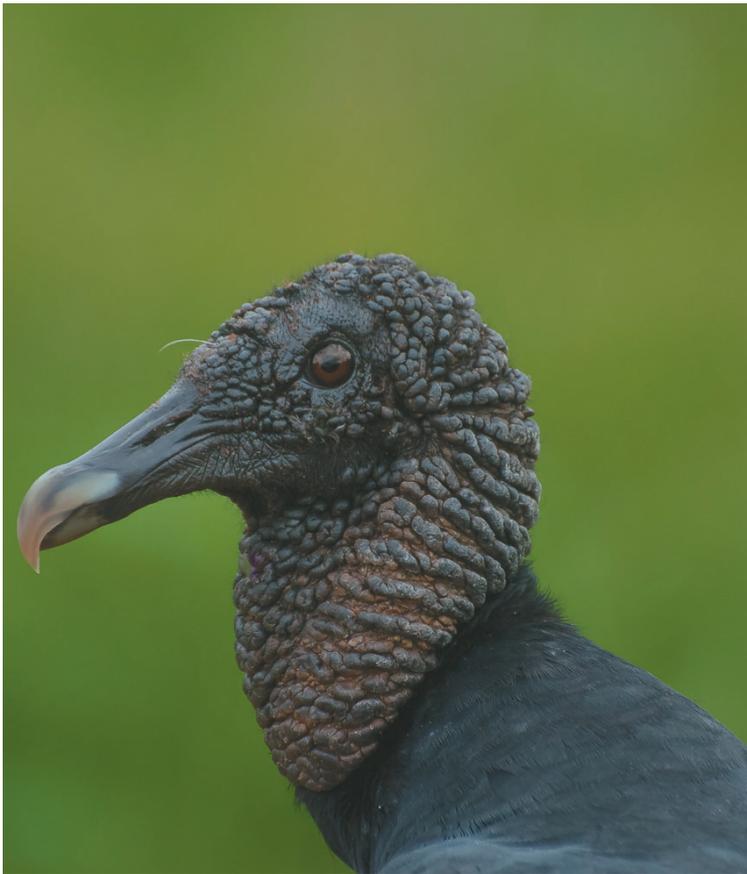


**Tijuaçu:** do tupi antigo **teïu-asu** (tejo grande), é o maior lagarto do Brasil e pode atingir até 2 metros de comprimento. Sua carne é muito saborosa e sua pele tem grande preço.

**Timbu:** é conhecido também como **gambá-de-orelha-branca**. É uma espécie de gambá, encontrado na Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai. É um animal generalista, que vive em muitos habitats distintos, podendo apresentar comportamento predominantemente terrestre ou arbóreo.



**Urubu:** O urubu-de-cabeça-preta é uma espécie de ave catartiforme da família dos catartídeos, pertencente ao grupo dos abutres do Novo Mundo. Deste grupo, é uma das espécies mais frequentemente observadas, devido ao fato de realizar voos planados em correntes térmicas a grandes alturas e por possuir atividade durante todo o dia.





## Nome de árvores e frutas

**Caju:** nome do fruto do cajueiro, uma árvore de grande importância para o povo Mendonça. O cajueiro é uma planta da família das anacardiáceas, originária da região nordeste do Brasil, com arquitetura de copa tortuosa e de diferentes portes. Na natureza existem dois tipos: o comum e o anão. O tipo comum pode atingir entre 5 e 12 metros de altura, mas em condições muito propícias pode chegar a 20 metros.



**Guabiraba:** Guabiraba ou Gobiraba, como é conhecida nas comunidades Mendonça, é uma planta frutífera bem presente nessas localidades. Essa planta tem de 40 cm a 2 metros de altura, produz uma frutinha roxa de gosto adocicado, bastante

apreciada pelas famílias Mendonça, e também serve de alimento para muitos animais, principalmente para aves como o “Sanhaçu” e o “Chupa-caju”. Essa planta é muito resistente, mesmo na seca.

**Juá:** é o fruto do juazeiro, também conhecido por joá, laranjeira-de-vaqueiro, juá-fruta, juá-espinho, é uma árvore típica do Semiárido brasileiro. Seus frutos, do tamanho de uma cereja, são comestíveis e utilizados para fazer geleias, além de possuírem uma casca rica em saponina. A raspa da casca pode ser utilizada para fazer um pó dental, auxiliando na higiene pessoal e também para produzir chá que limpa a cabeça e cura de feridas e seborreias.



**Jucá:** Essa é uma árvore comum e bastante conhecida entre os Mendonça. Ocorre naturalmente no Brasil na região Nordeste, sendo encontrada na caatinga, especialmente sobre solos argilo-arenosos, profundos e bem drenados. Essa árvore pode chegar a medir até 12 metros de altura, com uma copa alargada e baixa, possuindo um caule de até 40 centímetros de diâmetro, com cascas externas lisas e manchas castanho-amareladas ou castanho-claras, resultantes das deiscências em finas placas. A floração ocorre de novembro a fevereiro e sua frutificação se dá de julho a setembro, sendo que suas flores são amarelas e os frutos são legumes indeiscentes, oblongos, lisos, medindo entre 5 e 9 centímetros, com cerca de 5 sementes castanho-escuras.

**Jurema:** A Jurema é uma planta da família das leguminosas, comum no Nordeste brasileiro, com propriedades psicoativas. A família das leguminosas possui importantes espécies cultivadas para a alimentação, inclusive do nordestino (mangalô, andu, além de feijões de diversas espécies). A jurema tem uma importância para os indígenas por servir como princípio básico para preparação de um chá mágico religioso, utilizado por diversos

povos nativos desde antes da chegada dos colonizadores europeus. Jurema, além de ser o nome de uma planta, dá nome a uma religião (Jurema Sagrada), a uma entidade espiritual (a Cabocla Jurema) e a uma bebida feita a partir de suas cascas e raízes.

**Mandacaru:** é também conhecido como cardeiro. A floração ocorre de outubro a janeiro e a frutificação, de fevereiro a julho. Os frutos são vermelhos por fora, medindo de 3 a 12 centímetros de largura, por 5 a 15 centímetros de comprimento. Sua polpa é branca com as sementes pequenas de cor preta. Os frutos do “Mandacaru” são conhecidos pelos Mendonça pelo nome de **Baba de Sapo**. A madeira leve era muito usada nas coberturas, portas, janelas das casas nas comunidades Mendonça, porém, nos dias atuais, essa madeira não é mais adquirida com essa finalidade pelo grupo familiar.



**Maracujá:** É um fruto produzido pelas plantas do gênero *Passiflora*, da família *Passifloraceae*. O nome da planta é também conhecido como *maracujazeiro*: é espontâneo nas zonas tropicais e subtropicais da América. O suco do maracujá é um famoso sonífero e calmante.

**Mororó:** A *Bauhinia cheilantha*, conhecida popularmente como *mororó* ou *pata-de-vaca* é uma leguminosa típica da Caatinga, principal ecossistema existente no semiárido. É uma espécie amplamente usada na medicina tradicional em diversas comunidades rurais, podendo ser encontrada em quintais agroflorestais ou em áreas de mata de caatinga. É de expressiva importância local, sendo usada na produção de remédios tradicionais com ação anti-inflamatória, antidiabética, para distúrbios digestivos, reumatismo e como sedativo.

**Pitomba:** fruto da pitombeira. A pitomba (*Talisia esculenta*), também conhecida como **olho-de-boi**, **pitomba-da-mata** e **pitomba-de-macaco**, é o fruto da pitombeira, árvore que pode alcançar mais de 10 metros de altura. A pitomba mede aproximadamente dois centímetros de diâmetro, dá em cachos, é rica em vitamina C e pode ser consumida *in natura* ou beneficiada na fabricação de licores ou polpa. Diversos pássaros também a têm no seu cardápio.



**Sabiá:** seu nome científico é **Mimosa caesalpinifolia**. Essa é uma espécie endêmica do Brasil, ocorrendo naturalmente na região Nordeste e sendo considerada característica das matas xerófilas da caatinga. O sabiá é uma árvore com até 10 metros de altura, com copa muito ramificada e densa, possui tronco de até 30 centímetros de diâmetro, geralmente armado em indivíduos jovens e que vai perdendo os acúleos à medida que engrossa, com casca externa fissurada, deiscente em tiras delgadas e casca interna esbranquiçada.



**Umburana:** É um género de árvores brasileiras da família das fabáceas, sub-família **Faboideae**, conhecida popularmente como cumaru-do-ceará, cumaru-das-caatingas, imburana-de-cheiro, umburana e cerejeira. É conhecida por seu valor medicinal. Sua madeira é muito utilizada para fazer esculturas, por ser fácil de modelar.

**Umbu:** fruto do umbuzeiro (**Spondias tuberosa**, **Arruda**). Essa planta é bastante conhecida pelo grupo familiar Mendonça, tendo diversos nomes, entre os quais o de imbuzeiro, umbuzeiro verdadeiro, umbu do sertão e imbu verdadeiro. Essa planta é uma árvore frutífera, considerada de pequeno porte, de até sete metros de altura, com copa baixa, ampla e umbeliforme, possui um tronco geralmente curto, todo torto e retorcido, com até 50 centímetros de diâmetro, sendo a casca do tronco toda rugosa e de cor acinzentada. Os frutos são ricos em vitamina C e têm sabor agridoce característico, sendo consumidos *in natura* pelos Mendonça ou em forma de doce, uma iguaria preparada a partir do cozimento do fruto misturado com açúcar.



Umbu

## Nomes de localidades do RN

**Assu:** Originalmente, em tupi antigo, *‘y-ûasu*, *rio grande*. Município que faz parte da região da população autóctone janduís, reunida dentro do grande grupo étnico tapuia. São povos/comunidades falantes de línguas do tronco macrogê, por exemplo o *brobó* (que vem sendo retomado, revitalizado pelos Xukuru do Ororubá em PE e, pelos Tapuia de Tapará, de Macaíba – RN). Esses dois grupos citados são contemporâneos dos ancestrais \*Tarairiú\*, esse termo engloba os Janduí, Kanindé, Tapuia de Tapará, Xukuru...



Barragem Armando Ribeiro Gonçalves (Rio Piranhas-Assu)

**Cauassu:** *matão*, *mato grande*. De *ka’a*, mato, com o sufixo aumentativo *-ûasu*. É o nome de um local próximo ao território indígena Mendonça.



**Canguaretama:** Do tupi antigo **kanga** (osso) + **ûer**, *passado, que foi, velho* + **etãma** (região, terra): região de ossadas, de esqueletos, isto é, cemitério. Um dos municípios do território do povo Potiguara do Catu.

**Catu:** *bom, o bem, coisa boa, bondade*. **Katu** é uma palavra do tupi que dá nome à comunidade indígena potiguara Eleutério e também ao rio que divide o território indígena nos municípios de Canguaretama e Goianinha. O povo Potiguara do Catu também estuda/revitaliza o Tupi na Escola Municipal Indígena *João Lino da Silva*.

**Jacumã:** do tupi antigo **îakumã**. É um andaime para se flechar peixe. Pode ser também uma estaca à qual a canoa é atada enquanto se pesca ou uma pá comprida que, em algumas embarcações, serve no lugar do leme. Praia de Jacumã, município de Ceará-Mirim.

**Jandaíra:** nome de uma abelha (*Melipona subnitida*) que faz seu ninho ou colmeia em tronco de árvores ocas. Município próximo a João Câmara.

**Jucurutu:** Variedade de coruja, também conhecida como *corujão-orelhudo, inhacurutu, mocho-orelhudo, coruja-orelhuda, corujão, jucurutu e*

*joão-curutu*, é uma espécie de ave estrigiforme pertencente à família *Strigidae*. É uma das subespécies do grande corujão-da-virgínia. Vive em matas tropicais da América do Sul. Os índios da tribo Jucurutu, supostamente descendentes das tribos Canindés e Janduís, foram os primeiros habitantes do município de Jucurutu, região do Seridó.



**Macaíba:** palmeira barriguda. Nome de uma espécie de palmeira (*Acrocomia intumescens*). Município da região metropolitana onde vivem os Tapuias de Tapará, indígenas Tarairiú.





**Maxaranguape:** nome que tem uma grafia antiga e que significa literalmente “*na enseada das maçarandubas*”, nome comum a espécies de árvores sapotáceas (*Pouteria procera* (Mart.) T.D. Penn. e *Manilkara elata* (Allemão ex Miq.) Monach). Município litorâneo que dista 84 km de João Câmara.

**Muriú:** Significa *rio dos buris*, nome comum a duas espécies de palmáceas, a *Allagoptera campestris* (Mart.) Kuntze e a *Allagoptera caudescens* Kuntze (Sousa, *Trat. Descr.*, 191). Praia do município de Ceará-Mirim.

**Pajuçara:** do tupi antigo **upaba**, **lagoa** + **îusara**, **JUÇARA**, **IUÇARA**, palmeira alta e delgada da mata atlântica (*Euterpe edulis* Mart.): **îêîsarur’ã** - palmito de juçara (VLB, II, 63). É nome de um bairro na zona norte da capital potiguar, vizinho do Amarelão Novo (loteamento do bairro Lagoa Azul, para onde migraram famílias do povo Mendonça na década de 1980).

**Parnamirim:** do tupi antigo **paranã** (*mar*) + **mirĩ** (*pequeno*): *mar pequeno*. Esse nome pode ser proveniente da Língua Geral Amazônica, na qual *paraná* significa *rio*. Assim, a etimologia seria *rio pequeno*. Município próximo a cidade do Natal.

**Pitangui:** de **ybá-pytanga**, *pitanga*, *pitangueira* + **'y**, rio: *rio das pitangueiras*. Nome de uma vila e praia do município de Extremoz.

**Sagi:** do tupi antigo **usá** (**uçá**, tipo de caranguejo) + **îy** (rio): *rio dos uçás*. Nome de território indígena do povo Potiguara (*Sagi-Trabanda*), localizado no município de Baía Formosa.

**Potengi:** do tupi antigo **potĩ** (camarão) + **'y** (rio): rio dos camarões. Rio Potengi é um dos principais cursos de água do Rio Grande do Norte.



**Taipu:** Do tupi antigo **itá** – pedra + **'y** – rio + **pu** – barulho, barulhento: *rio barulhento das pedras*. Município próximo ao de João Câmara.

**Tinga:** branco, claro.

**Tubiba:** nome de uma abelha silvestre meliponídea (*Scaptotrigona tubiba*).



## Frases e expressões no Tupi Antigo

**Eikobé:** Olá! Oi! viva!

**Ereîurype? / Ereîupe?:** Vieste?

**Peîúrype? / peîupe?:** Vós viestes?

**T'ereîukatu:** Que tu venhas bem!

**Nde rura t'i katueté:** Que tu tenhas uma boa vinda.

**Marãpe endé ereîko?:** Como tu estás?

**Marãpe nde réra?** Qual teu nome?

**Xe réra Kanindé.:** Meu nome é Canindé.

**Ixé aîkobé:** Eu estou bem.

**Marãpe peẽ peikó? / Marãpe peiko?:** Como vocês estão?

**Tiá nde ko'ema:** Bom dia.

**Tiá nde karuka:** Boa tarde.

**Tiá nde pytuna:** Boa noite.



**Nde nhyrõ ixébe:** Desculpe-me!

**Ta xe repiakĩ îepé:** Que tu me permitas.

**Nde xe repiakĩneme:** Se tu me permites.

**Aîkugûapotar:** Quero saber algo.

**Naîkuabi gûitekóbo:** Não estou entendendo.

**Xe marãtekó aîmoaûié umã:** Minha ocupação já terminei.

**Ta nde nhyrõ:** Que tu perdoes

**A'y'useî:** Quero beber água.

**Marãpe o'îabo asé “*escola*” i ‘eû tupi nhe’engarupi?:** Como a gente diz “*escola*” na língua tupi?

**Asé “*nhembo’esába*” e’i:** Dizemos “*nhembo’esaba*”.

**Aûié, aûié ipó, aûiekatu nhẽ:** Está bem.

**Ixé oroaûsub:** Eu te amo.

**T’ereîkokatu:** Que estejas bem.

**T'ereîkobekatu:** Que vivas bem.

**Aîkugûab:** Obrigado.

**Xe roryb nde resé:** Fico feliz por ti.

**Xe roryb pe resé:** Fico feliz por vós.

**Sasy ixébe:** Lamento-o.

**T'îasó!:** Vamos! (nós).

**T'îanhembo'ekatu tupi nhe'enga resé!:** Que aprendamos bem a respeito do tupi.

**Ixé anhe'eng morubixaba supé:** Falei ao cacique (liderança).

**T'îasóne tembi'umoîypaba pupé:** Havemos de ir para dentro da cozinha.

**Abápe ka'apiasoá-pe oîko?** Quem está dentro do banheiro?

**Abá abápe tupãókype osóne?** Quem irá à igreja?

**Abápe osyk?** Quem chegou?

**Ixé a'u pirá:** Eu como peixe.



**Endé ere'u xibé:** Tu comes xibé.

**A'e o'u minga'u:** Ela/ele come mingau.

**Ore oro'u tapi'oca:** Nós comemos tapioca (nós excludente, exclui quem ouve).

**Îandé îa'u mbeîu:** Nós comemos beiju (nós inclusivo, inclui quem ouve).

**Asé o'u 'y:** A gente bebe água (incluindo-se todas as pessoas).

**Peẽ pe'u miapé:** Vocês comem pão.

**A'e o'u apere'á:** Elas/eles comem o preá.





## Números em Tupi Antigo

Os números em Tupi Antigo eram contados somente de um até quatro, uma curiosidade que contrasta com a mentalidade capitalista europeia, que sempre buscou acumular e lucrar, contabilizando enormes fortunas com as terras indígenas desde 1500.

**1 = oiepé**

**2 = mokõi**

**3 = mosapyr**

**4 = oïoirundyk**

Quando se precisa contar alguma quantidade maior do que essa, utilizam-se as partes do corpo de quem estiver presente.





O guarani é um idioma parente do tupi antigo e é língua oficial do Mercosul, falado em vários países da América do Sul (Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai) e tem todos os números:

1 = <b>peteĩ</b>	17 = <b>papokõi</b>
2 = <b>mokõi</b>	18 = <b>papoapy</b>
3 = <b>mbohapy</b>	19 = <b>paporundy</b>
4 = <b>irundy</b>	20 = <b>mokoi pa</b>
5 = <b>po</b>	21 = <b>mokoi pa peteĩ</b>
6 = <b>poteĩ</b>	22 = <b>mokoi pa mokõi</b>
7 = <b>pokõi</b>	23 = <b>mokoi pa mboha- py</b>
8 = <b>poapy</b>	24 = <b>mokoi pa irundy</b>
9 = <b>porundy</b>	25 = <b>mokoi pa po</b>
10 = <b>pa</b>	26 = <b>mokoi pa poteĩ</b>
11 = <b>pateĩ</b>	27 = <b>mokoi pa pokoi</b>
12 = <b>pakoi</b>	28 = <b>mokoi pa mboha- py</b>
13 = <b>paapy</b>	29 = <b>mokoi pa porundy</b>
14 = <b>parundy</b>	30 = <b>mbohapy pa</b>
15 = <b>papo</b>	
16 = <b>papoteĩ</b>	

31 = mbohapy pa peteĩ	47 = irundy pa pokõi
32 = mbohapy pa mokõi	48 = irundy pa poapy
33 = mbohapy pa mbohapy	49 = irundy pa porundy
34 = mbohapy pa irun- dy	50 = po pa
35 = mbohapy pa po	51 = po pa peteĩ
36 = mbohapy pa poteĩ	60 = poteĩ pa
37 = mbohapy pa pokõi	70 = pokõi pa
38 = mbohapy pa poapy	80 = poapy pa
39 = mbohapy pa po- rundy	90 = porundy pa
40 = irundy pa	100 = sa
41 = irundy pa peteĩ	101 = sa peteĩ
42 = irundy pa mokõi	110 = sa pa
43 = irundy pa mboha- py	150 = sa po pa
44 = irundy pa irundy	151 = sa po pa peteĩ
45 = irundy pa po	160 = sa poteĩ pa
46 = irundy pa poteĩ	190 = sa porundy pa
	200 = mokõi sa
	300 = mbohapy sa
	400 = irundy sa



500 = **po sa**

600 = **poteĩ sa**

700 = **pokõi sa**

800 = **poapy sa**

900 = **porundy sa**

1000 = **su**

2.000 = **mokõi su**

2.019 = **mokõi su papo-  
rundy**

## **Cores:**

**Îuba** = Amarelo

**Tinga** = branco

**Úna** = preto

**Oby** = azul ou verde

**Obyeté** = azul

**Pintangi** = rosa

**Pytanga** = avermelhado, amarelado, cinza, isto é qualquer cor misturada com branco.



(Pitanga: tupi antigo ybápytanga, que significa “fruto avermelhado” (ybá, “fruto” + pytang, “avermelhado” + a)).



## TUPI ANTIGO

Essa foi a língua que os marinheiros da armada de Cabral ouviram quando aqui chegaram em 1500 e que ajudou na construção espiritual do Brasil. Naquela época, essa língua era falada em toda a costa do Brasil por muitos grupos indígenas: os Potiguaras, os Caetés, os Tupinambás, os Temiminós, os Tabajaras etc. Seu primeiro gramático foi Padre José de Anchieta, que publicou sua Arte de Gramática da Língua, mais Usada na Costa do Brasil, em 1595.

O Tupi chegou a ser, por séculos, a língua da maioria dos membros do sistema colonial brasileiro (índios, negros africanos e europeus), contribuindo para a unidade política do Brasil. O idioma forneceu milhares de termos para a língua portuguesa do Brasil, nomeou milhares de lugares no nosso país (sendo, depois do português, a língua que mais produziu nomes geográficos em nosso território), esteve presente em nossa literatura colonial (no Romantismo e no Modernismo) e foi referência fundamental de todos os que quiseram afirmar a identidade cultural do Brasil. “Falada na catequese e nas bandeiras, instrumento das conquistas espirituais e territoriais da nossa história, o seu conhecimento, sequer superficial, faz parte da cultura nacional” (LEMON BARBOSA, 1956).

**(fonte: <http://tupi.fflch.usp.br/node/16>)**



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou fortalecer o tupi antigo e apresentar como é a educação escolar indígena no território Mendonça Potiguará.

Para tornar objetivos como esses possíveis, é essencial que a escola cumpra seu papel social na vida dos alunos, contribuindo de forma integrada e participativa, sempre fazendo a ponte com a comunidade escolar. Dessa forma, o fazer pedagógico se transforma e transforma o ambiente educacional, podendo se tornar uma ferramenta primordial para o fortalecimento da história e seus aspectos.

Finalizamos nosso projeto com esse pequeno livro e com a certeza de que, juntos, construiremos um caminho mais solidário e cheio de esperanças, em que se possa erguer o olhar no horizonte e, longe da hipocrisia, sentir o peito cheio de esperanças em um mundo melhor. Assim, ficamos na expectativa de que este trabalho contribua de forma significativa para o fortalecimento da língua materna.

Professor e alunos/as da Turma IV



## Bibliografia

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil, *Acta Botânica Brasílica*, v. 16, n. 3, p. 273-85, 2002.

ALMEIDA, C. F. C. B. R.; ALBUQUERQUE, U. P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (nordeste do Brasil): um estudo de caso. *Interciencia*, v. 27, n. 6, p. 276-85, 2002.

NAVARRO, Eduardo. *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. São Paulo: Global Editora, 2006.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2013.

SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA. *Ava arandu, saberes indígenas: nossas raízes e histórias*. 2017. (e-book)

SALES, Aucides. *Glossário Caboclo: palavras tupi guarani usadas no português falado no Brasil*. 1. ed. Natal-RN: Manibu, 2010.

SALES, Aucides. *História e cultura indígena*. Coleção cultura Potiguar n. 28. Natal-RN: Fundação José Augusto, 2012.



## Posfácio

São muito louváveis as iniciativas que surgem em várias partes do Brasil de se resgatar a antiga língua dos indígenas da costa do país, os primeiros que tomaram contato, no século XVI, com os colonizadores portugueses.

Numa época em que as línguas indígenas vivas perdem falantes, dia após dia, numa conjuntura histórica muito difícil para as culturas minoritárias, que se enfraquecem cada vez mais no mundo globalizado, a busca pelo fortalecimento de uma identidade cultural por meio do resgate de uma língua ancestral renova nossa esperança num futuro melhor.

A diversidade cultural é, sem dúvida, um dos mais belos fatos do mundo, um sinal de vitalidade e de riqueza da experiência humana no planeta. Perdê-la significa empobrecer a humanidade.

Que o empenho da comunidade Mendonça Potiguara do Rio Grande do Norte para ressuscitar o Tupi Antigo, a língua de seus antepassados, seja coroado de êxito e que, no futuro, bons frutos ela possa colher dessa sua bela e meritória iniciativa.

São Paulo, 16 de outubro de 2020.

Prof. Eduardo Navarro

Professor de Tupi Antigo – Universidade de São Paulo



## ANEXOS

### I - Projeto de ensino

*Mikûatiamirĩ* foi construído coletivamente com a comunidade escolar da Escola Municipal Professora Alice Soares e da Escola Estadual Indígena Francisco Silva do Nascimento, comunidade indígena Amarelão do povo Mendonça Potiguara, Rio Grande do Norte.

A turma da EJA IV (Educação de Jovens e Adultos) foi a principal protagonista desta aventura de pesquisa, ensino e aprendizagem. A elaboração deste pequeno livro foi fruto da metodologia de projetos, recomendada pela secretaria de educação do município de João Câmara no ano de 2019. Iniciamos a pesquisa após um sorteio que decidiu qual docente acompanharia cada turma nas temáticas a serem aprofundadas, bem como na construção de algum material que seria compartilhado na grande feira cultural da escola.

A abordagem escolhida foi a de partir do conhecimento de cada discente para formar esse material, o que permitiu a participação de todos estudantes que estiveram presentes em sala. Os assuntos sobre questões gramaticais, histórica, con-

versação e músicas seguiram essa trilha: primeiro o reconhecimento linguístico das palavras faladas pela comunidade, depois a sua utilização nas construções de frases e em uma simples prosa.

Isso foi demasiadamente importante, haja vista que, quando olhamos detalhadamente as particularidades regionais do português brasileiro, percebemos a imensidão de palavras de origem tupi, assim como de outras línguas indígenas que enriquecem o idioma oficial do nosso país. A língua materna do povo Potiguara não sobrevive apenas na toponímia, nos nomes pessoais, na flora e na fauna, mas também em muitas expressões de nosso cotidiano: de uma simples saudação, ‘oi’, ao substantivo que nos inspira união, ‘mutirão’, que significa reunião de pessoas.

É nesse sentido que o componente curricular “Língua tupi” é parte do importante processo de retomada linguística que as famílias Mendonça e muitas comunidades vêm praticando. Inúmeros povos no mundo sofreram impactos sociais com as relações de colonização, a escravização, os esbulhos territoriais e a proibição de práticas culturais e do idioma materno de cada etnia. Esse cenário de violência e silenciamento faz parte também da his-

tória do Brasil. Sendo assim, resgatar e reavivar o tupi é remar contra a maré dos constantes ataques às culturas indígenas e não-europeias (africanas, ciganas e outras). Essa atitude ajuda a fortalecer a identidade do povo que a retoma e enriquece a diversidade linguística do mundo. Nesse sentido, Aryon Dall’Igna Rodrigues escreve sobre a importância das línguas nativas:

as línguas naturais são não apenas instrumentos de comunicação social, mas também os meios de que dispõem os seres humanos para elaborar, codificar e conservar seu conhecimento do mundo. Cada língua está intimamente ligada aos processos cognitivos e à experiência acumulada pelo povo que a fala através de sucessivas gerações. As descobertas que, elaboradas e reelaboradas pela inteligência ao longo de milênios, formaram o imenso acervo de conhecimentos integrados que é a cultura, têm sua expressão mais ampla e mais precisa na língua que se desenvolveu como parte e como instrumento dessa cultura. Tudo que hoje os antropólogos vêm descobrindo junto aos povos indígenas em

matéria de ciência nativa, como etnobiologia, etnomatemática, etnoastronomia, em resumo como etnociência, só se torna realmente acessível ao pesquisador através da língua indígena. Perdida a língua de forma abrupta, sob pressão de outro povo que tenta impor outra cultura, perde-se a maior parte daquele conhecimento pela destruição do sistema de referência que o mantinha integrado e operante. Em geral, a cada língua indígena desaparecida corresponde um complexo cognitivo rico em especificidades que se perde para o povo afetado e para todo gênero humano.” (RODRIGUES, 2013, p. 3)<sup>2</sup>

O projeto, nessa perspectiva, é uma tentativa de não deixar morrer a história, a cultura e os modos de vida outros que se refletem e refratam na língua. Para isso, o mutirão de construção deste material ocorreu principalmente em sala de aula

---

<sup>2</sup> RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Línguas indígenas brasileiras. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

do turno noturno, nas aulas de tupi.

A exibição de recursos audiovisuais era sempre a melhor alternativa para esta turma, a qual era formada por gente trabalhadora que, muitas vezes, estava retornando à sala de aula após décadas sem estudar. Gente com tanta história que bastava uma pergunta geradora para fazer reunir partes significativas do conteúdo deste livro.

A investigação dos nomes próprios foi a mais divertida, pois, além dos apelidos de gente da própria turma, os nomes de familiares e de pessoas da vizinhança surgiam em sala, nos corredores ou em casa, servindo de atividade extra, cumprida voluntariamente. A sistematização foi realizada após as aulas e em outros momentos, como em casa e na escola. Todo esse processo sempre era apresentado à comunidade escolar. As lembranças das (os) estudantes eram compartilhadas a cada aula para endossar nosso trabalho. Os nomes de locais da própria comunidade, como o setor chamado 'Tinga', 'Caxangá', os nomes de outras comunidades vizinhas, como 'Cauassu', de municípios feito 'Taipu', 'Ceará-Mirim', e os nomes de plantas, frutos e animais contribuíram imensamente para esse estudo e foram motivadores na realização do projeto, aumentando o desejo de

pesquisar e conhecer mais sobre esse tesouro que foi por tanto tempo utilizado no Brasil e proibido após mais de 250 anos de uso, tal qual centenas de outras línguas indígenas.

A apresentação do \*Mikûatiamirĩ\* foi bem apreciada na feira cultural realizada na escola. Exposto página a página, os textos e fotografias narravam nossa empreitada nesse processo de retomada linguística com o povo Mendonça Potiguara. Aos poucos, avançaremos, valorizando e protegendo cada vez mais nossas diversidades.

Professor Diego Oliveira de Andrade (AKANGUASU)  
Coordenador do Projeto

## **II - Comunidade do Amarelão, Território Mendonça<sup>3</sup>**

Dioclécio Mendonça e Tayse Michelle Campos Silva<sup>4</sup>

### **Apresentação**

O grupo familiar Mendonça constitui-se de antecessores indígenas pertencentes às etnias Potiguara e Tapuia. Algumas famílias indígenas, de etnia potiguara, migraram do Brejo de Bananeiras (PB), a partir do século XVI, para o Rio Grande do Norte. O maior registro de migrações deu-se a mais de dois séculos, ocasionadas por situações de

---

3 Este texto de apresentação da Comunidade do amarelão e do território Mendonça está disponível no site Povos indígenas do RN ([https://cchla.ufrn.br/povosindigenasdorn/p\\_m.html](https://cchla.ufrn.br/povosindigenasdorn/p_m.html)), resultado de um projeto coordenado pelo professor José Glebson Vieira do Programa de pós-graduação em Antropologia da UFRN que autorizou a sua publicação em MIKUATIAMI. Convidamos a todos e todas para acessar o site pois ele traz muitas informações sobre os povos indígenas do RN.

4 MENDONÇA, Dioclécio; SILVA, Tayse Michelle Campos da. Potiguara - Mendonça. Povos Indígenas do Rio Grande do Norte. 2020. Disponível em [http://www.cchla.ufrn.br/povosindigenasdorn/p\\_m.html](http://www.cchla.ufrn.br/povosindigenasdorn/p_m.html) Acesso em: 25. ago. 2020

crise: epidemias de cólera, secas, expansão colonial etc. (GUERRA, 2011). Esses indígenas que vieram da Paraíba foram recebidos na comunidade, uma vez que já havia o contato entre eles. Assim, eles uniram-se aos indígenas que já habitavam o Amarelão através de laços familiares/casamentos. O Território Mendonça tem 6 aldeias localizadas em dois municípios da região do Mato Grande no Rio Grande do Norte, João Câmara e Jardim de Angicos: Amarelão, Serrote de São Bento, Assentamento Marajó, Assentamento Santa Terezinha, Açucena e Cachoeira/Nova Descoberta

### **Histórico de ocupação do território Mendonça**

A criação do município de João Câmara surgiu do processo de construção da linha férrea que passava pela Vila Baixa Verde, nos últimos anos de 1800 e início dos anos de 1900. Os Mendonça do Amarelão tiveram participação ativa, com mão de obra braçal, na construção do município de João Câmara, uma vez que suas terras, onde produziam a agricultura de subsistência, foram cercadas por fazendeiros que migravam para a região e, como consequência, os indígenas foram forçados a procurar outros meios de sustento. Esse fato também

influenciou a organização social da comunidade. Os indígenas, que tinham seus horários e calendário próprios de produção (sinais da natureza, como por exemplo, a chuva, período de estiagem, períodos de colheita/extrativismo etc.), passaram a trabalhar de acordo com o horário e calendário de quem os contratava, fora da comunidade, na cidade. Desde a construção do município de João Câmara, houve um processo de invasão do território historicamente ocupado pelos Mendonças. A começar por esse período, devido à falta de terras e sem condições de produzir alimentos – agricultura de subsistência –, os homens indígenas passaram a sair, por longos períodos, da comunidade em busca de trabalho, oferecendo trabalho braçal nas fazendas de algodão, pecuária etc. em troca de alimentos e/ou pagamentos de valores quase irrisórios. Durante esse processo, houve conflitos entre indígenas e fazendeiros. Segundo depoimentos de indígenas da comunidade, quando tentavam forçar a entrada no território/roçados, os fazendeiros os ameaçavam de morte.

Após esse processo de construção do município de João Câmara, o povo Mendonça perdeu quase a área total do seu território, o qual ficou resumido à área onde estão localizadas as residên-

cias desse povo, na comunidade Amarelão. A partir daí, as famílias Mendonça começaram a ocupar outras áreas, algumas dentro do território e outras fora do território indígena.

### **Amarelão**

O nome **Amarelão** vem de um antigo ritual praticado pelos antepassados que cultuavam o Sol. Eles subiam uma serra de madrugada e esperavam o Sol aparecer e, então, desciam-na cantando e tocando as maracas (instrumento de música feito com cabaço), referenciando-se ao Sol como “o Amarelão”. A maior conexão com os antepassados indígenas está relacionada ao nome Mendonça, nome de uma das lideranças da comunidade nesse período migratório – referência por meio da qual a família faz uso para demarcar sua diferenciação perante à sociedade. São conhecidos não como “os índios”, mas como “os Mendonça do Amarelão”. A comunidade indígena Amarelão, de etnia Potiguara, tronco familiar Mendonça, está localizada no Território Indígena Mendonça. O povo Mendonça não se declara indígena ou potiguara, e sim Mendonça. Sempre se reconheceram pelo o etnônimo Mendonça como identidade étnica. A partir da luta política por direitos, como povo et-

nicamente diferenciado, passaram a acionar a etnia potiguara da qual o povo Mendonça faz parte como parte de um processo de resgate histórico e cultural.



### **III - Articulação dos Povos Indígenas do RN - APIRN**

A Articulação dos Povos Indígenas do RN (APIRN) foi criada no dia 17 de dezembro de 2018 e é um espaço de articulação, com eleições anuais para a gestão. A primeira gestão teve como presidente Tayse Campos/titular e Luiz Katu/suplente. A APIRN está em sintonia com outras instâncias, como a Articulação de Povos Indígenas do Brasil – APIB – e a Articulação de Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo – APOINME.

A APIRN trava lutas pela manutenção dos direitos dos povos indígenas e pela resistência das quatorze (14) aldeias indígenas e (1) grupo de Indígenas desaldeados dos povos tapuias e potiguaras, além dos mais de 800 indígenas não aldeados. Um dos focos da luta atual dá-se em torno do enfrentamento dos povos originários às várias pandemias e epidemias trazidas pelas interações com os povos brancos, principalmente ao serem retirados da mãe terra.

No estado do Rio Grande do Norte, três aldeias resolveram quebrar a imagem do desaparecimento dos povos indígenas tão fortemente informado pela historiografia do século XX. Juntos,

os povos potiguaras do estado organizaram seis assembleias gerais para tratar da luta pelo reconhecimento dos povos da aldeia de Catu (Canguaretama e Goianinha), de Mendonça (João Câmara) e de Caboclos (Açu) e para iniciarem a luta pelo empoderamento das demais aldeias que estavam silenciadas. Dentre as lutas pelo reconhecimento étnico estão aquelas voltadas para a criação de políticas públicas e pelo direito à Educação Escolar Indígena diferenciada, específica, intercultural, bilíngue e comunitária. Cada etnia tem direito à sua Educação Escolar Indígena, coerente com a educação indígena daquele povo. No RN, temos 10 unidades de ensino, entre creches e escolas, legalizadas pelo MEC. No entanto, somente duas escolas indígenas do estado são legalizadas como tal, são elas: Escola Municipal João Lima e Escola Estadual Indígena Professor Francisco Silva do Nascimento. A primeira localizada na aldeia Katu, embora tenha sido reconhecida como escola indígena em 2012, funciona como tal desde 2008. A segunda localizada na comunidade indígena do Amarelão, é a primeira escola pertencente à rede estadual de ensino do RN. Ela atende a demanda do território Mendonça e foi fruto da articulação

deste povo junto ao projeto RN sustentável, antigo Governo Cidadão.

Atualmente, a APIRN, junto à APOINME, tem monitorado sistematicamente a situação de saúde nas aldeias e comunidades indígenas espalhadas pelo RN, seja por meio do acompanhamento e do registro dos dados epidemiológicos, seja no desenvolvimento de ações de prevenção e controle de saúde. A atuação da APIRN tem sido decisiva no contexto da pandemia (2020), dada a subnotificação e ausência total de registros nos boletins da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), do Ministério da Saúde. A SESAI, que começou a atuar no RN em 2014 por meio do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) Potiguara da Paraíba, deixou de atender as aldeias/comunidades indígenas do Rio Grande do Norte desde janeiro de 2019. Há ainda ausência de dados qualificados nos boletins das secretarias municipais e estadual sobre a situação das aldeias e comunidades e de indígenas que vivem fora de seus territórios

A luta está travada diante da pandemia porque o mais importante é a VIDA. O ensino remoto está longe de ser pensando e possibilitado dentro das escolas das aldeias. O OLHAR HOJE É PARA EXISTIR, CONTINUAR VIVO. Há muita sabedoria

indígena que tem contribuído com essa luta, embora a proteção das matas esteja correndo muito risco. A normalidade é não morrer pessoas.

Cacique Luiz Katu – território Catu - RN

Cacique Dioclécio – território Mendonça - RN

Maria Ivoneide Campos da Silva – liderança indígena Portuguesa território Mendonça - RN

## **IV - Projeto de extensão “Interação de saberes na sistematização e formatação de materiais didáticos produzidos por professores que atuam em escolas de comunidades indígenas do RN”**

O projeto de extensão acima intitulado é coordenado por professores/as do Departamento de práticas Educacionais e Currículo do Centro de Educação da UFRN e tem por objetivo colaborar com o processo de sistematização e formatação de materiais didáticos já produzidos por professores/as de escolas indígenas do estado do Rio Grande do Norte. Sua elaboração partiu dos princípios da Educação Indígena propostos pelas Diretrizes Nacionais para Educação Básica Escolar Indígena (BRASIL, 2012), das discussões e demandas trazidas pelo I Encontro de Educadores e Educadoras do Campo Potiguar, em 2019, e da necessidade de reconhecimento das diferentes epistemologias que formam parte da construção cultural e histórica do Brasil.

O livro aqui disponibilizado é fruto da primeira edição do projeto desenvolvido por e em colaboração com professores/as e coordenação pedagógica de escolas indígenas do Território Mendonça. A edição e a publicação deste livreto

foram financiadas pela Pró-reitora de Extensão da UFRN (PROEX/UFRN) e pelo Centro de Educação CE/UFRN. Contribuíram diretamente com esse trabalho, como coordenadores pedagógicos, o professor e cacique da aldeia Santa Terezinha, Dioclécio Bezerra da Costa, e a professora e liderança indígena, Maria Ivoneide Campos da Silva. Ainda, a realização desse projeto contou com a participação do professor Diego Oliveira de Andrade (AKANGUASU), que compartilha autoria deste material juntamente com seus alunos da Escola Municipal Professora Alice Soares.

O *Mikûatiamirĩ* (pequeno livro) veio ao encontro de muitos dos princípios que orientaram esse projeto de extensão. O processo de produção do livreto bem como sua temática trouxeram para o centro das reflexões o quanto a língua é uma das maiores forças vivas dos processos de identificação, de reconhecimento e de ampliação do nosso olhar sobre o mundo. Ao destacar a força e a presença do tupi na língua portuguesa falada pelo povo potiguarra do território Mendonça, reconhecemos os povos originários do nosso país e, ao mesmo tempo, reconhecemos-nos na diversidade que nos identifica.

*Mikûatiamirĩ* também materializou sua dimensão colaborativa tanto de sua produção na

escola quanto de seu processo de edição, realizado pelo grupo envolvido no projeto de extensão. Assim, foi construído um espaço de interação no qual tem ocorrido a formação conjunta entre os sujeitos partícipes (professores/as das escolas indígenas e da universidade, lideranças indígenas, graduandos/as), de modo a contribuir para a educação escolar indígena no RN. Além disso, acreditamos que *Mikûatiamirĩ* também poderá colaborar com a educação básica ao ampliar a visão sobre a formação da língua portuguesa do Brasil e sobre a forma como nomeamos, em especial, nossa fauna, flora, relevo, rios, uma vez que o livreto apresenta um olhar apurado e sensível dos povos originários para a língua brasileira, neste caso, atualizada pelos saberes linguísticos do povo potiguara do território Mendonça.

Terminamos, assim, com um convite a todos/as professores/as da educação básica para que compartilhem as suas vivências pedagógicas com este livreto através do e-mail: **mikuatiamiri@gmail.com** Construiremos, a partir destes registros, uma plataforma que abrigue esse material e possa servir de memorial, de divulgação e de inspiração para todos que se sintam comprometidos com a construção de um mundo que reveja tanto

a relação homem/natureza quanto relações humanas mais igualitárias.

Vânia A. Costa –

Professora do DPEC/CE/UFRN, coordenadora do Projeto

Laíza Ferreira

Bolsista do projeto – graduanda em Artes – CCHILA/  
UFRN

Iasmim Tereza Silva de Oliveira Pinheiro

Voluntária – graduanda em Pedagogia – CE/UFRN

Colaboradores/as:

Alexandre da Silva Aguiar

Professor do DPEC/CE/UFRN

Davidson dos Santos

Professor do DPEC/CE/UFRN

Dioclécio Bezerra da Costa

Cacique Dioclécio – território Mendonça - RN

Maria Ivoneide Campos da Silva

Liderança indígena Portuguesa território Mendonça - RN

## Referências de imagens

**Wikipedia** (creative commons): (Páginas 18, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 53).

**Neide Campos:** (Página 14).

Fotógrafo: **Lenilton Lima.** (Página 23).

**Francisco Ismael de Souza:** (Página 34).

**Francisco Ismael de Souza:** (Páginas 46, 47).

**Dioclécio Bezerra da Costa:** (Página 62).

**Liziane Campos:** (Página 70).



Composto na  
CAULE DE PAPIRO GRÁFICA E EDITORA  
Rua Serra do Mel, 7989, Cidade Satélite  
Pitimbu | Natal/RN | (84) 3218 4626

[cauledepapiro.com.br](http://cauledepapiro.com.br)

"Meu avô costumava dizer que o tempo que nós vivemos é o melhor tempo. Se o tempo atual não fosse bom, não se chamaria presente. Nós não somos nem do passado e muito menos do futuro, somos sempre presente".

Daniel Munduruku



editora  
**CAULE DE PAPIRO®**

Apoio



**PROEX**  
PROJETO DE RECURSOS EDUCACIONAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

